

# Duas palavras do sr. Governador do Bié



O sr. Governador do Distrito do Bié

## Nota biográfica

Em peregrinação pela prodigiosa terra biana, se me campia, como um primeiro dever, levar ao sr. Governador do Distrito, com as homenagens deste jornal, os meus respeitos de admirador e obsequiado amigo, cumprime igualmente, pelo meu officio de jornalista regional, ouvir acerca da região a palavra autorizada do seu Governador.

Neste género de artigos é preliminar a apresentação do entrevistado. O Sr. Artur Ernesto de Castro Soromenho é, porém, um dos mais distintos funcionários do nosso Ultramar e a sua personalidade conhecidíssima.

Iniciando a sua carreira pública nesta Colónia em 1911, como administrador de Capangombe, logo em 1912 se reconhecem os seus méritos, nomeando-o para fazer parte da dotta Comissão encarregada de elaborar e discutir os assantos de Administração Pública. A seguir fez parte de outra Comissão para o estado do regimen das Circunscrições Civis, regulamentação e cobrança do imposto indígena. Nomeado depois administrador do Haambo, ainda hoje, tantos e tão evolutivos anos decorridos, a moderna Nova Lisboa beneficia e beneficiará sempre da sua passagem por ali. Essa rede de estradas que é o principal da vitalidade da juvenil cidade sertaneja, é obra sua no mais, assim como se patenteia sinal da sua iniciativa no edificio onde actualmente funcionam os serviços da Administração e Comissão Urbana, e ainda no edificio escolar, o unico da cidade, cujas linhas exteriores camalam com elegância os preceitos pedagógicos observados na construção. Bem se pode dizer que foi o sr. Soromenho quem carreteou a pedra angular de Nova Lisboa, a próspera e linda cidade do Planalto de Benguela, que tão altamente dignifica a nossa missão de povo colonizador.

Secretário Geral em 1919, dois anos depois Governador do Congo, successivamente Secretário Provincial de Colonização e Secretário Provincial de Agricultura, de que conheço um judiciosissimo relatório que só por si determinaria a minha admiração e o meu apreço por S. Ex.<sup>a</sup>; e por último Governador da Huila, onde desenvolveu uma politica pecuária de largo alcance. Em todos estes cargos públicos o Sr. Artur Ernesto de Castro Soromenho demonstra iniludivelmente uma competência superior e um zelo inextinguível, do que resulta a brilhante popularidade do seu nome.

Governador há dois anos do Distrito do Bié; uma vez que eu estava em Vila Silva Porto, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Soromenho deveria ser entrevistado. Embora não recebesse o jornalista, o amigo foi recebido amavelmente. O sorriso franco e a cordialidade com que tanto me honrou na minha visita, não-de ficar no meu espirito por muito tempo como uma recordação da irreverência absurda desta vide de imprensa: o sr. Governador do Bié não sabe que foi entrevistado... Este artigo será para S. Ex.<sup>a</sup> absolutamente uma surpresa!

## Começa a entrevista...

— Estou encantado com o Bié, sr. Governador...

O sr. Soromenho que está também encantado com o Bié, fica satisfíssimo, e o seu sorriso torna-se ainda mais vivo. Decididamente ia bem! Parece-me um mocinho a quem se dissesse que a namorada era linda... O sr. Governador começa:

— O Bié deve realmente tê-lo encantado. Cada palmo tem o seu emocional. Aqui am que se finda nos dias heróicos, acotá o perfume de uma lenda...

O sr. Governador assombra-se namo preocupação. Já não sorri. E como se monologasse:

— É emocional...

Mas é um momento, logo noto o seu sadismo de homem público, mais dos povos que da história.

— A ressarreição da lavoura dos europeus, que dá um ar tão português a esta região, é muitíssimo interessante de observar-se. Para fixar idéas:— o colono do Bié não sei se por ambiência se por outra qualquer inflação, tem gosto pela terra, ama a terra...

— E a terra...? — Só esboço a pergunta, o sr. Governador atalha logo com um entusiasmo que me envolve:

— A terra é prodigiosa! Já cá vieram

parar este ano espigas com 140 grãos de trigo!

— E as condições de lavoura oferecem de facto rendimento? — inquirio...

continua



## O Bié-Agrícola

—Sem dúvida! — responde-me o sr. Governador. E com a sua fluência de entusiasmado:

—Inspirada apenas pela fertilidade do chão e pela excelência do clima, sem mais conselho, a cultura do trigo permaneceu um sonho por largos anos. Poderiam ser lindas as searas e gradas os espigas; invariavelmente mais pobre se surpreendia o agricultor! Era a falta de material cultivante, este circunscrito à enxada, e não menos a distância. Em lugar da alfafa moderna era o preto, caro mesmo que fortitadamente não fôsse madraço. Para cinco dezénas de hectares impanha-se a permanência de darentos trabalhadores. E o recetual da colheita, já em parte comprometido no farto consumo de pirão e nos salários, era sempre ineficiente para o tráfico da propriedade no mercado. Mais flácias que parais, estas circunstâncias caíam sobre a seara, e, implacavelmente, esbalhavam por completo o grão, regado mais pelo suor de mil caídos que pela água da vala sassarrante. Agora tudo isso mudou, — afirma S. Ex.<sup>a</sup>, prosseguindo. — A lavoura está resgatada da distância pelo Caminho de Ferro. Não notou já, na sua visita às propriedades da região, que a linha férrea as serve numa média de 10 quilómetros? Também a máquina resgatou a lavoura da importantíssima despeza da mão de obra. A máquina, que dispensa o homem, tirada por jantas, é muito económica. De resto o Bié, com os seus extensos planícies, presta-se à lavoura mecânica. Certamente já notou essa apreciável condição...

## Economia e urbanismo

### —O incidente na Associação Comercial

Não pergantei ao sr. Governador: «E sobre economia particular?» Não senhores, não pergantei. O Sr. Soromenho adivinharia logo que o estava entrevistando... Por isso não pergunto, afirmo:

—Tenho observado que a economia particular é excelente...

—O ano não foi dos melhores informa S. Ex.<sup>a</sup>. Sabe que a economia biéna gravita ainda principalmente em torno da actividade indígena, e a falta de chavos prejudica bastante a produção.

E sempre com a mesma vivacidade, continúa:

—O que é de véras sempre o mesmo é o admirável sentimento urbano do colono biéno. Por toda a parte se vê a mesma vontade de edificar, a mesma grande vontade de construir cidades. Aqui na vila, para fixar idéas e não ir mais longe, a Câmara vai instalar iluminação eléctrica.

O sr. Governador abre uma pausa. Logo insinua uma pergunta subtil, matreiramente... —Agora há uma grande questão na Associação Comercial... Já sabia sr. Governador? —Pois é verdade, uma grande questão...

O sr. Governador nada esclarece porém, nada adianta. Aponta-me um grande dossier encerrado e misterioso. E depois: Essa questão deve ter sagerido más impressões a meu respeito. Mas eu fiz sempre o que me camprin. A questão não paira no âmbito das minhas atribuições e isentei-me. Vai ser remetida ao Tribunal.

Achei que se insistisse me denunciaria. Alheei-me.

## O meu Kodak

Eram 16 h. Era o momento das fotografias. Mas como havia eu de fotografar o sr. Governador? Afinal nada mais fácil. Bastou falar a S. Ex.<sup>a</sup> em fotografias e aliançar-lhe que era inexcusável em fotografias de arte. Será outra surpresa que está reservada ao sr. Governador. Nesta página verá S. Ex.<sup>a</sup> a minha alardeada arte!...

Segue-se: O sr. Governador pósa no seu jardim... para «A Província de Angola»!

Depois como alvitro um grapo de família, e S. Ex.<sup>a</sup> não quer perder a minha habilidade, o sr. Governador e sua Ex.<sup>ma</sup> Família, — Espôsa, filhas, filho e genro, — dão-me a honra de pósar... para «A Província de Angola»...

Assim illustro este artigo. Um abaso? Bem sei eu que S. Ex.<sup>a</sup> me desculpará com a sua habitual indulgência de homem generoso.}

## Palavras preciosas

Na successão das palavras trocadas, calhou cair a conversa num ponto de véras importante, — o que pensava fazer o sr. Governador para uma intensificação do aproveitamento particular das riquezas biénas. O sr. Governador, que é inteiramente digno das expectativas, disse-me sobre este ponto, palpitante entre todos os discorridos; que faria tudo o que fôsse mister e consoante as circunstâncias exigissem, para que o Bié progredisse. Estas palavras não traduzem um programa de governo, como eu esperava ouvir. E no entanto o sr. Soromenho deve pensar no desenvolvimento do seu distrito, não só com a sua paixão pelo Bié, como também, e decerto principalmente, com o seu altíssimo espírito de governador e de colonial. Estas considerações íntimas intrigavam-me profundamente. O sr. Governador adivinha-me. Com isso ganho pôr aqui palavras preciosas, porque S. Ex.<sup>a</sup> explica-me ao que estão reduzidas as funções de um governador de Distrito. Diz-me S. Ex.<sup>a</sup> num tom de confiança:

—Com a revogação do decreto 7008 as funções de um Governador de Distrito tornaram-se mera e simplesmente consalares, — ficamos por assim dizer sem atribuições. Sei que esta situação vai contra o critério de S. Ex.<sup>a</sup> o Alto Comissário, e estou certo que S. Ex.<sup>a</sup> a vai modificar como tanto é necessário. Actualmente até acontece que os srs. administradores recebem ordens de toda a parte, e por fim não sabem a quais obedecer. É uma desordem, uma invasão de atribuições! E desta maneira um Governador não pode governar, tem de se redazir ao gabinete, ao despacho quotidiano. Dilatar as atribuições dos governadores será, pois uma medida muito oportuna, mas essa remodelação, pela sua alta importância e profunda complexidade, demanda minucioso estudo, e por consequência muito tempo. Entretanto um Governador não poderá formular um programa de politica usual, um programa inconstitucional...

Entardecia.

Despedi-me precipitadamente, e quasi a correr desci ao Hotel. No conforto do meu quarto no Hotel Girão, escrevi, escrevi, — escrevi as notas com que fiz este artigo, e que não tomei na ocasião; para que S. Ex.<sup>a</sup> não visse que o estava entrevistando...

Barbosa Rodrigues





O sr. Artur Ernesto de Castro Soromenho, com Sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa, Filhos e genro'